



A PROPÓSITO DE GENEALOGIAS NEGRAS

Victorino Chermont de Miranda
Sócio titular do CBG

Carlos Eduardo Barata foi quem primeiro observou que as genealogias negras, ao contrário do que fora dito em nossa Carta Mensal nº 24, já tinham seu espaço na literatura genealógica brasileira, com as "Famílias Pirenopolinas", de Jarbas Jayme, e o ensaio de Egon e Frieda Wolff sobre o negro e o índio na obra de Carlos Rheingantz, título, aliás, do citado livro.

Mas o que não sabíamos, ele e eu, é que, no final do ano passado, havia sido lançado em São Paulo, pela Editora Hucitec em conjunto com a Prefeitura de São Caetano do Sul, o que de melhor se poderia ter concebido e escrito sobre genealogia negra no Brasil - o "Dietário dos Escravos de São Bento", do Prof. Luiz Gonzaga Piratininga Júnior, ele próprio um descendente de escravos.

Ciosamente, porém, nem a crítica especializada, ao que se saiba, abriu espaço para tal lançamento, nem a ficha bibliográfica respectiva sinalizou no sentido dos estudos genealógicos, limitando-se a classificar o livro em referência sob os prismas da historiografia da Igreja, biografia de escravos e estudo de suas condições sociais, como se a genealogia não se constituísse numa forma própria de leitura dessa mesma realidade, ou - o que é pior - não devesse ser havida como tal quando tratasse de famílias não tituladas ou negras.

O livro do Prof. Piratininga é, no entanto, um livro de genealogia por excelência. Nas origens, na proposta e na própria metodologia, sem falar nos documentos que transcreve e na expressiva iconografia que reproduz. Um livro de família como poucas famílias no Brasil lograram ter até hoje, encadeando-lhe as gerações no tempo, a partir das notas deixadas por seu patriarca, e resgatando-lhe, em termos palpantes, o seu quotidiano.

"O que desencadeou inicialmente esta pesquisa - é o próprio autor quem o diz - foi o arquivo de um desses escravos, posteriormente homem livre. Nem seria preciso dizer do lado extraordinário desse fato: um negro que formou arquivo, guardando sua história e seu viver. Salvou sua escravidão do vazio documental e do perigoso esquecimento".

O "Dietário dos Escravos de São Bento" é a história do escravo Nicolau Tolentino, nascido na Fazenda São Caetano em 10 de setembro de 1855, filho da também escrava Guilhermina e do então abade do Mosteiro, Frei João de São Bento dos Santos Pereira. Alforriado em 1877, chegaria a procurador leigo da Ordem em 1875. Viveu até 1929, cercado de numerosos parentes e agregados, que o tinham como verdadeiro líder e patriarca. E deixou, no melhor estilo das famílias tradicionais de então, o seu caderno de notas, o seu álbum de retratos e o seu arquivo de correspondências.

Rastreando tais fontes, o Prof. Piratininga reconstituiu os costados maternos de Nicolau e de sua mulher Josefa, nascida livre, remontando os daquele ao começo do séc. XVIII. E traçou-lhes a descendência até nossos dias: sete gerações, com 74 negros escravos e 43 negros livres.

Mas o livro não é simples cronologia de datas e nomes. É crônica, história e reconstituição do dia-a-dia de uma família negra, antes e depois do cativo, primeiramente, na Fazenda de São Caetano, da ordem beneditina, e depois na Praça da Sé em São Paulo.

Quem leu "Negras Raízes", de Alex Haley, verá que o Brasil já tem, a partir do livro do Prof. Piratininga, uma obra que em nada fica a dever àquele clássico americano, depois transformado em filme. O "Dietário dos Escravos de São Bento" se constitui, pois num verdadeiro marco na literatura genealó-

